





LIVRO DO
DESASSOSSEGO

FERNANDO PESSOA



EDIÇÃO DE
JERÓNIMO PIZARRO

RIO DE JANEIRO
TINTA-DA-CHINA
MMXIII

Edição apoiada pela Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas /
Secretaria de Estado da Cultura — Portugal.



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA



BRASIL
PORTUGAL
AGORA
2012.2013



© Jerónimo Pizarro, 2013

1.ª edição: agosto de 2013

Edição: Tinta-da-china Brasil

Capa e projeto gráfico: Tinta-da-china Brasil

P567L Pessoa, Fernando, 1888-1935
Livro do desassossego / Fernando Pessoa;
edição de Jerónimo Pizarro.
1.ed. — Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2013.
608 pp.; 21 cm

ISBN 978-85-65500-10-4

1. Ficção portuguesa. I. Pizarro, Jerónimo. II. Título

13-03768 CDD: 869.3
CDU: 821.134.3-3

Todos os direitos
desta edição reservados à
Tinta-da-china Brasil

Largo São Francisco de Paula, n.º 34, 15.º andar
Centro RJ 20051-070

Tel. 0055 21 8160 33 77 | 00351 21 726 90 28
info brasil@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt/brasil

SUMÁRIO

Prefácio • 11

LIVRO DO DESASSOSSEGO

Primeira Fase • 31

Segunda Fase • 221

ANEXOS

I. Documentos que não se encontram na BNP • 523

II. Documentos com a indicação inicial «L. do D. (?)» • 525

III. Duas notas • 527

IV. Ficções do Interlúdio • 528

Notas • 533

Bibliografia • 596

Índice dos textos • 599

Notas biográficas • 607

APRESENTAÇÃO

POR JERÓNIMO PIZARRO

No trecho que começa com “Remoinhos, redemoinhos, na futilidade fluida da vida!” (246), assistimos à construção de uma “imagem aquea” de poças, riachos e ribeiros, a partir da visão da gente que passa pela “grande praça ao centro da cidade [de Lisboa]” como “água sobriamente multicolor”. Para o narrador essa “imagem aquea” da multidão que se derrama na “grande praça” — e “porque pensei que viria chuva”, acrescenta — ajusta-se bem “a este incerto movimentos”, isto é, à sensação do fluxo e refluxo da vida. “Movimentos” no plural? Sim, por isso explica:

Ao escrever esta ultima phrase, que para mim exactamente diz o que define, pensei que seria util pôr no fim do meu livro, quando o publicar, abaixo das “Errata” umas “Não-Errata”, e dizer: a phrase “a este incerto movimentos”, na pagina tal, é assim mesmo, com as vozes adjectivas no singular e o substantivo no plural. (246)

Pessoa não chegou a elaborar essas “Não-Errata”, mas se o tivesse feito perceberíamos com mais facilidade até que ponto o *Livro do Desassossego* está cheio dessas frases que provocam estranheza — e não apenas por causa da concordância gramatical — e em que medida a prosa musical e devaneante do *Livro* foi possível graças à consciência linguística do seu autor. Neste texto não pretendo defender que a grandeza do *Livro do Desassossego* reside num certo número de frases menos ortodoxas, nem que elas aumentam necessariamente o valor de alguns trechos (“alguns serão da mais bela e mais penetrante prosa da língua portuguesa”, disse Jorge de Sena, 1979, p. 39), mas sim que o

projeto das “Não-Errata” revela um alto sentido da linguagem e que a prosa do *Livro* merece estudo, porque é ela que define a obra e caracteriza o seu autor. Se Flaubert disse “Madame Bovary, c’est moi”, Pessoa, semidespersonalizado ou não em Bernardo Soares, declarou: “Sou, em grande parte, a mesma prosa que escrevo” (322). Além disso, qualquer reflexão sobre o texto do *Livro* — mais a mais uma orientada pelo plano e pelo conceito das “Não-Errata” — comporta uma meditação sobre o trabalho dos editores da obra, uma vez que estes, para além de estabelecerem um texto, muitas vezes vão ao ponto de emendá-lo.

*

No mesmo dia (25-4-1930) em que escreveu a expressão “a este incerto movimentos”, Pessoa compôs ainda um outro passo não menos desconcertante:

Do lado oriental da praça ha mais forasteiros que do outro.
Como descargas alcatifadas, as portas onduladas descem para
cima; não sei porquê, é assim a phrase que me transmite
aquelle som. É talvez porque fazem mais esse som ao descer,
porém agora sobem. Tudo se explica. (246)

Note-se que as portas (das janelas?) não só descem para o alto, desafiando a lógica — e Pessoa acrescenta a lápis uma explicação: “É talvez porque fazem mais esse som ao descer” —, como são “onduladas”, adjetivo tão imprevisto como “alcatifadas”, com o qual rima. As frases do *Livro do Desassossego* procuram cingir e transmitir múltiplas sensações, numa prosa muitas vezes ritmada e cadenciada que estabelece um claro compromisso com a poesia. Recordemos a poética do *Livro*, expressa num apontamento contemporâneo (circa 23-3-1930): “A sensibilidade de

Mallarmé dentro do estylo de Vieira; sonhar como Verlaine no corpo de Horacio; ser Homero ao luar” (230). Refira-se também o primeiro dos cinco textos do *Livro do Desassossego*, “composto por Bernardo Soares”, que Pessoa publicou na revista *Descobrimento* em 1931 e que começa da seguinte maneira:

Prefiro a prosa ao verso, como modo de arte, por duas razões, das quais a primeira, que é minha, é que não tenho escolha, pois sou incapaz de escrever em verso. A segunda, porém, é de todos, e não é — creio bem — uma sombra ou disfarce da primeira. Vale pois a pena que eu a esfie, porque toca no sentido íntimo de tôda a valia da arte.

Considero o verso como uma coisa intermédia, uma passagem da música para a prosa. Como a música, o verso é limitado por leis rítmicas, que, ainda que não sejam as leis rígidas do verso regular, existem todavia como resguardos, coações, dispositivos automáticos de opressão e castigo. Na prosa falamos livres. Podemos incluir ritmos musicais, e contudo pensar. Podemos incluir ritmos poéticos, e contudo estar fóra dëlles. Um ritmo ocasional de verso não estorva a prosa; um ritmo ocasional de prosa faz tropeçar o verso.

Na prosa se engloba tôda a arte — em parte porque na palavra se contém todo o mundo, em parte porque na palavra livre se contém tôda a possibilidade de o dizer e pensar. (331)

Esta polémica contínua foi mantida por Ricardo Reis e Álvaro de Campos noutros escritos que Pessoa não chegou a publicar e que foram editados postumamente em *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação* (1966) e em *Pessoa por Conhecer* (1990). Sem querer tomar parte da polémica, que o *Livro do Desassossego* alarga e complexifica, interessa-me destacar que para Pessoa/Soares a prosa personifica um ato de libertação: “Na prosa falamos livres”;

“na palavra livre se contém tôda a possibilidade de o dizer e pensar [o mundo]”. Essa liberdade, real ou aparente, é a que o *Livro* procura estender ao máximo. Num texto contemporâneo do acima citado, o autor responde de maneira pungente à pergunta “Que me pesa que ninguém leia o que escrevo?”: “Escrevo-me”, diz, utilizando a forma reflexa e mais invulgar do verbo escrever, “para me distrahir de viver” (378). Mas como escreve? Em que prosa se distrai?

*

Tendo-me referido “ao autor” do *Livro do Desassossego*, considero que a questão da autoria da obra carece aqui de esclarecimento. Em última análise, o autor será o próprio Pessoa e assim deve, a meu ver, ser arrogado. Só que existe um autor interno ao *Livro*, que primeiro foi o próprio Pessoa ou uma das suas figurações ortônimas, depois Vicente Guedes, num primeiro ato de despersonalização, em seguida outra vez Pessoa, mais tarde Bernardo Soares, num segundo ato de despersonalização, e finalmente, ao que parece, outra vez Pessoa. Digo *ao que parece*, porque sempre que encontramos no espólio pessoano textos sem indicação de autoria fictícia e não assinados tendemos — se a letra é a do autor “real” — a atribuir esses textos a Pessoa. Cartas, esquemas, listas de projetos e diversos tipos de notas ajudam, por vezes, a atribuir a uma figura “de sonho” textos sem indicação de autor e sem assinatura, mas na ausência desses elementos externos tendemos a considerar que um texto manuscrito ou datilografado por Pessoa é do próprio. No caso do *Livro do Desassossego* nenhum fragmento está assinado por Guedes ou por Soares, embora os seus nomes figurem em vários outros lugares, como em planos da obra, em listas de projetos que incluem o *Livro* e no cabeçalho de alguns trechos. Isto permite afirmar que Guedes é uma figura

passageira dos prefácios de 1915-1917, quando o *Livro* era mais um diário pós-symbolista do que um conjunto de apontamentos de índole íntima e filosófica; e que Soares é uma figura tardia da fase mais produtiva da obra, em torno de 1930, quando Pessoa já não sabia se devia incluir ou excluir muitos fragmentos antigos, e nomeadamente “Grandes Trechos” como “Marcha Funebre para o Rei Luiz Segundo da Baviera” e “Symphonia de Uma Noite Inquieta”. De fato, numa nota da época escreve:

A organização do livro deve basear-se numa escolha, rigida quanto possivel, dos trechos variadamente existentes, adaptando, porém, os mais antigos, que falhem à psychologia de B[ernardo] S[oaresh], tal como agora surge, a essa vera psychologia. Àparte isso, ha que fazer uma revisão geral do proprio estylo, sem que elle perca, na expressão intima, o devaneio e o desconnexo logico que o caracterizam. (Anexo 7)

Lúcido, como é seu costume, Pessoa compreende que a construção de um autor depende, em parte, da invenção de uma psicologia e de um estilo — como Foucault teorizará mais tarde —, o que não impede que exista um Caeiro são e um Caeiro doente, ou um primeiro e um segundo Wittgenstein. Ora, infelizmente Pessoa não chegou a adaptar os trechos mais antigos à psicologia de Soares, nem fez (talvez tivesse apenas começado) “uma revisão geral do proprio estylo”.

O que é então o *Desassossego*? A meu ver, é uma obra em que há pelo menos três autores à procura de um livro — como as seis personagens que procuram autor na peça de Pirandello —; uma obra a que faltam (e tal não é necessariamente um demérito) uma unidade psicológica e um universo estilístico fechado. O *Livro* é um *work in progress* tão inaudito como as maiores obras de James Joyce, nomeadamente se as considerarmos sob uma

perspectiva linguística. Aliás, quantas “Não-Errata” não poderiam existir abaixo das “Errata” nos livros modernistas?

*

No mesmo dia (25-4-1930) em que datilografou a frase “a este incerto movimentos”, Pessoa deixou uma meditação sobre a sua prosa, isto é, a do autor do *Livro*. Cito agora uma passagem desse texto:

Meditei hoje, num intervalo de sentir, na forma de prosa de que uso. Em verdade, como escrevo? [...]

Analysando-me á tarde, descubro que o meu systema de estylo assenta em dois principios, e immediatamente, e á boa maneira dos bons classicos, erijo esses dois principios em fundamentos geraes de todo estylo: dizer o que se sente exactamente como se sente — claramente, se é claro; obscuramente, se é obscuro; confusamente, se é confuso —; comprehender que a grammatica é um instrumento, e não uma lei.

Supponhamos que vejo deante de nós uma rapariga de modos masculinos. Um ente humano vulgar dirá d’ella, “Aquella rapariga parece um rapaz”. Um outro ente humano vulgar, já mais proximo da consciencia de que fallar é dizer, dirá d’ella, “Aquella rapariga é um rapaz”. Outro ainda, egualmente consciente dos deveres da expressão, mas mais animado do affecto pela concisão, que é a luxuria do pensamento, dirá d’ella, “Aquelle rapaz”. Eu direi, “Aquella rapaz”, violando a mais elementar das regras da grammatica, que manda que haja concordancia de genero, como de numero, entre a voz substantiva e a adjectiva. [...]

A grammatica, definindo o uso, faz divisões legitimas e falsas. Divide, por exemplo, os verbos em transitivos e intransitivos; porém, o homem de saber dizer tem muitas vezes que

converter um verbo transitivo em intransitivo para photographar o que sente, e não para, como o commum dos animaes homens, o ver ás escuras. Se quizer dizer que existo, direi “Sou”. Se quizer dizer que existo como alma separada, direi “Sou eu”. Mas se quizer dizer que existo como entidade que a si mesma se dirige e forma, que exerce junto de si mesma a função divina de se crear, como hei de empregar o verbo “ser” senão convertendo-o subitamente em transitivo? E então, triumphalmente, anti-grammaticalmente supremo, direi “Sou-me”. Terei dito uma philosophia em duas palavras pequenas. Que preferivel não é isto a não dizer nada em quarenta phrases? (Que mais se pode exigir da philosophia e da dicção?)

Obedeça à gramática quem não sabe pensar o que sente. [...]

(247)

Antes de mais, é interessante constatar que Pessoa estabeleceu muito cedo esses dois princípios. O primeiro, “dizer o que se sente exactamente como se sente”, faz parte da sua defesa da “Literatura da Decadência” (circa 1909), cujo subtítulo é “Notas ao livro [*Dégénérescence*] de Max Nordau”: “É caso de distinguir, como apontasse e fizesse Edgar [Allan] Poë, a expressão da obscuridade[,] da obscuridade de expressão. [...] A arte que dá ao obscuro uma expressão lucida não o torna claro [...] mas torna-lhe clara a obscuridade” (*Escritos sobre Génio e Loucura*, 2006, tomo I, p. 381). O segundo, “compreender que a grammatica é um instrumento, e não uma lei”, é um princípio que se terá visto fortalecido pelos manifestos do futurismo e o espírito do primeiro modernismo português (1909-1915), embora Pessoa evolua do paulismo e dos textos mais “ismicos” do *Livro do Desassossego*, para a prosa final de um empregado de escritório, que deve tanto a Amiel e a Mallarmé, a Cesário Verde e a Camilo Pessanha, como a Homero ou a Horácio, como ao Padre António Vieira (“Imperador da lingua

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA ATIVA

- PESSOA, Fernando (2012). *Livro do Desassossego. Composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 10.^a ed.
- (2011). *Il libro dell'inquietudine*. A cura di Valeria Tocco. Milano: Mondadori.
- (2010). *Livro do Desasoego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. XII.
- (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. X.
- (2008). *Rubaiyat*. Edição de Maria Aliete Galhoz. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. I.
- (2007). *A Educação do Stoico*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. IX.
- (2006). *Escritos sobre Génio e Loucura*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. VII.
- (1998). *Livro do Desassossego. Composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- (1997). *A Língua Portuguesa*. Edição de Luísa Medeiros. Lisboa: Assírio & Alvim.
- (1990-1991). *Livro do Desassossego*. Edição de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Presença. 2 tomos (depósito legal do 1.º, 1990).
- (1982). *Livro do Desassossego*. Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha; prefácio e organização de Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática. 2 tomos.
- (1968). *Textos Filosóficos*. Edição de António Pina Coelho. Lisboa: Ática. 2 tomos.
- (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Edição de Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- (1960). *Obra Poética*. Edição de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: José Aguilar.

BIBLIOGRAFIA PASSIVA BIBLIOTECA PARTICULAR

ADDISON, Joseph & Richard STEELE. *The Spectator*. A new edition, reproducing the original text both as first issued and as corrected by its authors. With introduc-

tion, notes and index by Henry Morley. Londres, Manchester e Nova Iorque: George Routledge and Sons. CASA FERNANDO PESSOA, 8-3.

- AMIEL, Henri-Frédéric (1911). *Fragments d'un journal intime*. Précédés d'une étude par Edmond Scherer. Genève: Georg & C^o libraires-éditeurs; Paris: G. Fischbacher; Bale : Georg & C^o. 11^{ème} éd. CASA FERNANDO PESSOA, 8-7.
- ARNOLD, Matthew (1910). *The Poems of Matthew Arnold: 1840 to 1866*. Introduction by R. A. Scott-James. Londres: J. M. Dent & Sons, Limited; Nova Iorque: E. P. Dutton. 2nd ed. CASA FERNANDO PESSOA, 8-15.
- CARLYLE, Thomas (1903). *Sartor Resartus; On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History; Past and Present*. London: Chapman & Hall. CASA FERNANDO PESSOA, 8-89.
- ESPRONCEDA, José de (1876). *Obras Poéticas de Don José de Espronceda*. Precedidas de la biografía del autor y adornadas con su retrato. Paris: Librería de Garnier Hermanos. CASA FERNANDO PESSOA, 8-175.
- GOSSE, Edmund [1925]. *Sir Edmund Gosse*. London: Ernest Benn. «The Augustan Books of Poetry edited by Edward Thompson». CASA FERNANDO PESSOA, 8-230.
- GUYAU, Jean-Marie (1909). *L'Art au point de vue sociologique*. Paris : Félix Alcan, édi-

teur. 8^{ème} éd. «Bibliothèque de philosophie contemporaine». CASA FERNANDO PESSOA, 7-5.

- HEINE, Henri (1908). *Lieder; Poésies diverses; Romancero; Intermezzo; Le Retour; La Mer du nord; Voyage dans le Harz; Germania; Lazare; Atta Troll; Mots et boutades*. Choix, Notice biographique et bibliographique par Alphonse Siché. Avec trois portraits et un autographe de Heine. Paris: Louis-Michaud éditeur. CASA FERNANDO PESSOA, 8-248.
- MATTER, Jacques (1862). *Saint-Martin, le philosophe inconnu: sa vie et ses écrits; son maître Martinez et leurs groupes d'après des documents inédits*. Paris: Librairie académique Didier et Cie, libraires-éditeurs. CASA FERNANDO PESSOA, 9-48.
- QUILLIER-COUCH, Arthur Thomas (1912) (ed.). *The Oxford Book of Vicotrian Verse*. Oxford: The Clarendon Press. CASA FERNANDO PESSOA, 8-405.
- WILDE, Oscar (1908). *De Profundis and The Ballad of Reading Gaol*. Leipzig: Bernhard Tauchnitz. «Collection of British authors; n^o 4056». CASA FERNANDO PESSOA, 8-583.

BIBLIOGRAFIA PASSIVA OUTRAS REFERÊNCIAS

- COELHO, António Pina (1971). *Os Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa*. Lisboa: Verbo. 2 tomos.
- CHATEAUBRIAND, François-René (1814). *Essai historique, politique et moral sur les révolutions anciennes et modernes, considérées dans leurs rapports avec la révolution française*. Londres: H. Colburn.
- (1849). *Les Natchez; suivis de la description du pays des Natchez*. Paris: Librairie de Firmin Didot frères.

CONDILLAC, Étienne Bonnot de ([1746] 1798). *Essai sur l'origine des connaissances humaines*. Paris: Ch. Houel, Imprimeur. Cette édition électronique a été réalisée par Jean-Marc Simonet. Dans le cadre de la collection: «Les classiques des sciences sociales».

FIGUEIREDO, António Pereira de (1759). *Elementos da Invenção, e Locução Retórica, ou Princípios da Eloquência*. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

- FLAUBERT, Gustave (1971). *Madame Bovary*. Édition de Claudine Gothot-Mersch. Paris: Garnier.
- FREIRE, Francisco José (1842). *Reflexões sobre a lingua portugueza*. Lisboa: Typographia da Sociedade propagadora dos conhecimentos úteis. 3 tomos.
- LOPES, Teresa Rita (coord.) (1993). *Pessoa Inédito*. Lisboa: Livros Horizonte.
- (1990). *Pessoa por Conhecer I. Roteiro para uma exposição*. Lisboa: Estampa.
- (1990). *Pessoa por Conhecer II. Textos para um novo mapa*. Lisboa: Estampa.
- (1977). *Fernando Pessoa et le drame symboliste. Héritage et création*. Préface de René Etiemble. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian - Centro Cultural Português.
- MARTINHO, Fernando (2008). «“Aquele grande certeza sinfónica”»: Bernardo Soares e Vieira», in *Românica*, n.º 17, pp. 79-88.
- PIZARRO, Jerónimo (2012). *Pessoa Existe?* Lisboa: Ática
- PIZARRO, Jerónimo, Patricio FERRARI e Antonio CARDIELLO (2010). *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*. Lisboa: D. Quixote.
- SENA, Jorge de (1979). “Inédito de Jorge de Sena sobre o Livro do Desassossego”, in *Persona*, n.º 3, pp. 3-40
- SHELLEY, Percy Bysshe (1964). *Letters*. Edited by Frederick L. Jones. Oxford: Clarendon Press. 2 vols.
- ZENITH, Richard (2012). *Fernando Pessoa: o editor, o escritor e os seus leitores*. Com a colaboração de Carlos Filipe Moisés e Maria Helena Melim Borges. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- (2009). «O homem interminável. Inéditos de um outro espólio», in *Ler. Livros & Leitores*, n.º 78, março, pp. 42-47.

SUMÁRIO DOS TEXTOS

- A acuidade dolorosa (287)
 A alma humana é victima (140)
 A arte consiste em fazer (342)
 a chuva cahia ainda triste (278)
 A creança sabe que a boneca (44)
A Divina Inveja (61)
 A doçura de não ter familia (110)
 A experiéncia directa (354)
 A fé é o instincto da acção (103)
 A historia nega as coisas certas (173)
 a hyperacuidade não sei (349)
 A idéa de viajar seduz-me (218)
 A ideia de viajar nauseia-me (370)
 A inacção consola de tudo (437)
 A leitura dos jornaes (175)
 A leve embriaguez (114)
 A liberdade é a possibilidade do isolamento (445)
 A literatura, que é a arte (302)
 A luz tornára-se de um amarello (57)
 A maioria da gente enferma (266)
 A maioria dos homens vive (183)
 A mais vil de todas as necessidades (154)
 A manhã, meio fria, meio morna (213)
 A metaphysica pareceu-me (252)
 A minha vida é tão triste (6)
 A minha vida, tragedia cahida (123)
 A miseria da minha condição (380)
 A opportunidade é como o dinheiro (381)
 A organização do livro (Anexo 7)
 A persisténcia instinctiva da vida (181)
 A personagem individual (198)
 A posse é, para mim (23)
 A praia pequena (279)
 A procura da verdade (195)
 A quem, embora em sonho (348)
 A sensação da convalescença (397)
- A tragedia principal da minha vida (212)
 A unica maneira de teres sensações novas (85)
A Viagem na Cabeça (187)
 A vida é para nós (259)
 A vida é uma viagem experimental (396)
 A vida pode ser sentida (261)
 A vida practica sempre me pareceu (72)
 A vida prejudica a expressão da vida (29)
 A vida, para a maioria dos homens (419)
 A vulgaridade é um lar (196)
 Absurdemos a vida (9)
Absurdo (74)
 Accordei hoje muito cedo (220)
 Acontece-me ás vezes (352)
 Adia tudo (39)
 Adoramos a perfeição (286)
 Ah, é um erro doloroso e crasso (176)
 Alastra ante meus olhos (270)
 Amo, pelas tardes demoradas (169)
 Antefalhei a vida (25)
Anteros (126)
 Antes que o estio cesse (321)
 Aparte aquelles sonhos vulgares (202)
Apotheose do Absurdo (8)
Apotheose do Absurdo (9)
 Aquella malicia incerta (67)
 As carroças da rua sonsonam (300)
 As cousas do estado e da cidade (124)
 As cousas mais simples (441)
 As cousas modernas são (Anexo 3)
 Ás horas em que a paisagem (17)
 As mal-casadas são todas (115)
 As miserias de um homem (152)
 As phrases que nunca escreverei (440)
 Ás vezes quando, abatido e humilde (4)
 Ás vezes, nos meus dialogos comigo (111)

Às vezes, quando ergo a cabeça (191)
 Às vezes, sem que o espere (358)
 Assim como, quer o saibamos (335)
 Assim organizar a nossa vida (27)
 Assim soubesses tu compreender (78)
 Atraz dos primeiros menos-calores (325)
 Atingir, no stado mystico (436)

Busco-me e não me encontro (82)

Cada vez que o meu proposito (178)
 Cada vez que viajo, viajo muito (159)
 Caminhavamos, juntos e separados (403)
 Cantava, em uma voz (428)
Carta (78)
Carta (87)
Cascata (44)
Cenotaphio (165)
 Cheguei hoje, de repente (344)
 Chove muito, mais, sempre mais (38)
 Coisas de nada, naturaes da vida (186)
 Colaborar, ligar-se (Anexo 1)
 com meneios de phrase (64)
 Com um charuto caro (337)
 Como alguém cujos olhos (47)
 Como Diogenes a Alexandre (442)
 Como ha quem trabalhe de tédio (312)
 Como nas horas em que a trovoadas (275)
 Como o presente é antiquissimo (59)
 Como uma esperança negra (276)
 Conformar-se é submeter-se (99)
Conselhos ás mal casadas (86)
Conselhos ás mal-casadas (115)
 Considerar a nossa maior angustia (421)
 Crear dentro de mim um estado (60)
 Cuidarás primeiro em nada respeitar (41)
 Cultivo o odio á acção (100)

Da minha abstenção de colaborar (10)
 Damos commumente ás nossas idéas (280)
 Dar a cada emoção (292)
 De que diabo está você a rir? (283)
 De repente, como se um
 destino magico (226)

De resto eu não sonho (22)
 De suave e aerea a hora (128)
Declaração de Diferença (124)
 Depois de uma noite mal dormida (319)
 Depois dos dias todos de chuva (310)
 Depois os amigos, bons rapazes (185)
 Depois que as ultimas chuvas
 desmontoaram (317)
 Depois que as ultimas chuvas
 deixaram (406)
 Depois que o calor cessou (394)
 Depois que o fim dos astros (367)
 Depois que os ultimos calores (384)
 Depois que os ultimos pingos (221)
 Descobri que penso sempre (299)
 Desde antes de manhã cedo (324)
 Desde o principio baço do dia (277)
 Desde que possamos considerar (435)
 Desde que, conforme posso (405)
 Desejaria construir um codigo (52)
 Detesto a leitura (215)
 Deus creou-me para creança (209)
 Devaneio entre Cascaes e Lisboa (315)
Dia de chuva (113)
Diario ao acaso (76)
Diario Lucido (123)
 Disse Amiel que uma paisagem (393)
 Dizem que o tedio é uma doença (425)
 Do “*Livro do Desasocego*.. (S1
 [Segunda fase - início])
 Do meu quarto andar (187)
 Do terraço d’este café (19)
 Doem-me a cabeça e o universo (385)
 Dois, trez dias de semelhança (96)
 Duas vezes, naquella minha
 adolescencia (416)
 Durei horas incógnitas (260)

E assim como sonho (50)
 E assim escondo-me (43)
 E assim sou, futil e sensível (281)
 e do alto da majestade (288)
 E eu, entre a vida, que amo (207)
 É nobre ser tímido (12)

e os crysanthemos adoecem (106)
 E para ti, ó Morte (131)
 E por fim — vejo-o por memoria (210)
 E se acaso fallo com alguém (79)
 e um profundo e tedioso desdem (120)
 É uma oleographia sem remedio (214)
 E, hoje, pensando no que tem sido (237)
Eloga de Pedro (33)
Educação sentimental (109)
 Elle mobilára — é impossivel que
 não fôsse (P4 [Prefácio])
 Em cada pingo de chuva (55)
 Em mim foi sempre menor (145)
 Em mim o que ha de primordial (65)
 Em mim todas as affeições (410)
 Em qualquer espirito (Anexo 4)
 Em todos os logares da vida (144)
 Em vez de almoçar (160)
 Encaro serenamente (364)
Encolher de Hombros (280)
 Enrolar o mundo á roda (51)
 Entre onde havia nuvens paradas (258)
 Entrei no barbeiro (444)
 Ergo-me da cadeira (189)
 Escrever é esquecer (417)
 Escrevo com uma extranha magua (263)
 Espaçado, o pestanejar branco (365)
 esse episodio da imaginação (379)
 este livro suave (P5 [Prefácio])
Esthetica da abdicação (99)
Esthetica da Indifferença (28)
Esthetica do Artificio (29)
Esthetica do Desalento (97)
 Estou num dia em que me pesa (318)
 Estou quasi convencido (347)
Ethica do Desalento (98)
 Eu não saberia nunca (87)
 Eu não sonho possuir-te (2)
 Eu nunca fiz senão sonhar (83)
Exame de Consciencia (49)

Fallar é ter demasiada consideração (147)
 Fallo a serio e tristemente (8)
 Fazer uma obra e reconhece-la má (66)

Ficções do interlúdio (430)
Ficções do Interludio (Anexo 10)
 Figuras hieráticas (188)
Final (79)
 Floresce alto na solidão (424)
Floresta (251)
 Fluido, o abandono do dia (327)
 Foi por um crepusculo (26)
 Foi sempre com desgosto (93)
 Foi-se hoje embora (346)

Glorificação das Estereis (3)
 Gostaria de estar no campo (353)
 Gósto de dizer (333)

Ha accidentes no meu distinguir (Anexo 9)
 Ha creaturas que soffrem (116)
 Ha dias em que cada pessoa (208)
 Ha em Lisboa um pequeno
 numero (P1 [Prefácio])
 Ha maguas intimas que não sabemos (426)
 Ha momentos em que tudo cansa (256)
 Ha muito — não sei se ha dias (400)
 Ha muito tempo que não escrevo (309)
 Ha quanto tempo não escrevo! (431)
 Ha sensações que são somnos (244)
 Ha socegos do campo na cidade (423)
 Ha um cansaço da intelligencia (229)
 Ha um somno da attenção voluntaria (190)
 Ha um vago numero (80)
 Ha uma erudição do conhecimento (307)
 Hoje, como me opprimisse (177)
 Hoje, em um dos devaneios (193)
 Hoje, mais demorada do que nunca (129)

Intervallo (13)
Intervallo (25)
Intervallo Doloroso (16)
Intervallo Doloroso (21)
Intervallo Doloroso (47)
 Invejo — mas não sei se invejo (222)
 Invejo a todas as pessoas (112)
 Irrita-me a felicidade (205)

Já me cansa a rua (284)
Já que não podemos extrair (97)
Junta as mãos, põe-as entre as minhas (30)
Kaleidoscopio (69)

Lagôa da Posse (23)
Lagôa da Posse (40)
Lenda Imperial (75)
Lento, no luar lá fora da noite lenta (308)

Mais que uma vez, ao passear (272)
Maneira de bem sonhar (39)
Maneira de bem sonhar (41)
Maneira de Bem Sonhar nos
Metaphysicos (54)
Marcha Fúnebre (164)
Marcha fúnebre (188)
Marcha Fúnebre para o Rei Luiz
Segundo da Baviera (129)
Mas a exclusão, que me impuz (88)
Mas ah, nem a alcova (251)
Maximas (56)
Meditai hoje, num intervalo (247)
Mesmo que eu quizesse crear (153)
Meus sonhos: como me crio amigos (11)
Millímetros (59)
Minha alma é uma orchestra oculta (1)
Minha Imaginação é uma cidade (75)
Minhas queridas discipulas (81)
Muitas vezes para me entreter (117)
Muitos têm definido o homem (341)

N'esta era metallica dos bárbaros (118)
Na Floresta do Alheamento (36)
Na grande claridade do dia (355)
Na minha alma ignobil e profunda (304)
Na perfeição nítida do dia (404)
Nada ha que tão intimamente revele (161)
Nada me pesa tanto no desgosto (366)
Nada pesa tanto como o
affecto alheio (390)
Nada se penetra (40)
Não comprehendo senão (211)

Não conheço prazer (273)
Não creio alto na felicidade (268)
Não é nos largos campos (392)
Não me encontro um sentido (69)
Não me indigno (34)
Não me lembro da minha mãe (360)
Não são as paredes réles (225)
Não se subordinar a nada (289)
Não sei o que é o tempo (391)
Não sei onde te vi nem quando (33)
Não sei porquê — noto-o
subitamente (420)
Não sei quantos terão contemplado (415)
Não sei que vaga caricia (245)
Não tendo que fazer (230)
Não ter sido Madame de harem! (73)
Não toquemos na vida (20)
Não-desembarcar (134)
Nas vagas sombras de luz (320)
Nasci em um tempo (S2
[Segunda fase — início])
Naufragios? Não, nunca tive nenhum (42)
Nem em torno d'essas figuras (127)
Nem no orgulho tenho consolação (21)
Nem se sabe se o que acaba (326)
Nem viuva nem filho (165)
Nenhum problema tem solução (133)
Neste crepusculo das disciplinas (91)
Nestes desdobramentos (Anexo 10)
Nevoa ou fumo? (402)
Ninguem ainda definiu (401)
Ninguem comprehende outro (395)
No alto ermo dos montes (243)
o desalinho triste (204)
No meu sonho no convez estremei (48)
No nevoeiro leve da manhã (298)
No reconcavo da praia (171)
Nos primeiros dias do outomno (224)
Nossa Senhora do Silencio (4)
Nossa Senhora do Silencio (7)
Nota para as edições proprias (Anexo 6)
Nunca amamos alguém (264)
Nunca deixo saber ás minhas
sensações (46)

Nunca durmo: vivo e sonho (389)
Nuvens... Hoje tenho
consciência do céu (332)

O Amante Visual (126)
O Amante Visual (127)
O ambiente é a alma (238)
O ar é de um amarello oculto (113)
O calor, como uma roupa (407)
O campo é onde não estamos (Anexo 5)
O cansaço de todas as illusões (170)
O céu de estio prolongado (359)
O ceu negro ao fundo (234)
O dinheiro é bello (15)
O entusiasmo é uma grosseria (104)
O gladio de um relampago (408)
O homem magro sorriu
desleixadamente (P3 [Prefácio])
O homem não deve poder ver (92)
O homem perfeito do pagão (150)
O homem vulgar (271)
O instinto infante da humanidade (149)
O isolamento talhou-me (206)
O lemma que hoje mais requeira (89)
O Major (161)
O meu conhecimento com V.
Guedes (P2 [Prefácio])
O moço atava os embrulhos (231)
O mundo é de quem não sente (382)
O mundo exterior existe (399)
o mundo, monturo de forças (356)
O olfacto é uma vista estranha (265)
O pasmo que me causa (157)
O patrão Vasques (350)
O pensamento pode ter elevação (174)
O peso de sentir! (249)
O poente está espalhado (328)
O proprio escrever perdeu (148)
O proprio sonho me castiga (102)
O que ha de mais reles (201)
O que tenho sobretudo é cansaço (386)
O que, creio, produz em mim (242)
O relógio que está lá para traz (223)
O Rio da Posse (158)

O Sensacionista (91)
O silencio que sahe do som (227)
O socio capitalista aqui da firma (236)
O ter tocado nos pés de Christo (336)
O unico viajante com verdadeira alma (314)
O verdadeiro sabio é aquelle (62)
Onde está Deus (77)
Os classificadores de coisas (398)
Os crepusculos nas cidades antigas (132)
Os sentimentos que mais doem (323)
Outra vez encontrei um trecho meu (374)
Ouviu-me ler os meus versos (293)

Paira-me à superficie do cansaço (388)
Paisagem de chuva (45)
Para comprehender (217)
Para quem faz do sonho a vida (109)
Para sentir a delicia e o terror (121)
Parecerá a muitos que este meu diário (94)
Pasma sempre quando acabo (269)
Passaram mezes sobre o ultimo (387)
Passavamos, jovens ainda (376)
Passei entre elles estrangeiro (422)
Paysagem de chuva (55)
Paysagens inuteis como aquellas (24)
Pedi tam pouco á vida (194)
Pensando que cada passo (105)
Pensar, ainda assim, é agir (63)
Pensaste já, ó Outra (31)
Penso ás vezes com um agrado (58)
Penso ás vezes que nunca sahirei (301)
Penso ás vezes, com um deleite triste (162)
Penso se tudo na vida (296)
Penso, muitas vezes (248)
Perante cada cousa o que o sonhador (28)
Perder tempo comporta uma esthetica (90)
Peristylô (17)
Pertenco a uma geração (137)
Podemos morrer se apenas amámos (338)
Por entre a casaria (411)
Por facil que seja, todo o gesto (71)
Por mais que pertença (235)
Prefacio ás "Ficções do Interludio" (Anexo 8)
Prefiro a prosa ao verso (331)

Primeiro é um som que faz (179)
Proponho-me ensinar-lhes (86)
Prosa de Ferias (279)
Publicar-se — socialização
de si-proprio (98)

Qualquer deslocamento das horas (219)
Quando creança eu apanhava (84)
Quando durmo muitos sonhos (262)
Quando nasceu a geração (139)
Quando o estio entra entristeço (433)
Quando outra virtude não haja (197)
Quando vim primeiro para Lisboa (345)
Quando vivemos constantemente (434)
Quando, como uma noite (151)
Quantas vezes, no decurso
dos mundos (163)
Quantas vezes, presa da superfície (241)
Quanto mais alta a sensibilidade (368)
Quanto mais alto o homem (311)
Quanto mais avançamos na vida (377)
Quanto mais contemplo (138)
Que faz cada um neste mundo (164)
Que me pesa que ninguém leia (378)
Que rainha imprecisa guarda (156)
Que somos todos diferentes (158)
Quem quizesse fazer um catalogo (339)
Quem tenha lido as paginas (443)

Raciocínio, \diamond — tudo será fácil (54)
Reconhecer a realidade (253)
Reconheço hoje que falhei (70)
Releio lucido, demoradamente (372)
Releio passivamente (232)
Releio, em uma d'essas
sommelencias (303)
Reles como os fins da vida (182)
Remoinhos, redemoinhos (246)
Reparando às vezes no trabalho (295)
Repudiei sempre (250)
Reunir, mais tarde, em um livro (Anexo 6)

Sabendo como as cousas (166)
Saber que será má a obra (203)

Se a nossa vida fosse um eterno (37)
Se algum dia me succeder (282)
Se alguma coisa ha que esta vida (340)
Se considero com attenção a vida (316)
Se d'entre as mulheres da terra (3)
Se eu tivesse escripto o Rei Lear (68)
Se houvesse na arte o mistér (285)
Sei que despertei (36)
Sempre me tem preocupado (216)
Sempre que podem (200)
Sempre que tenho uma sensação (61)
Senhor Rei do Desapego (130)
Senti-me inquieto já (413)
Sentimento Apocalypico (105)
Sentir é uma maçada (101)
Ser major reformado (107)
Sim, é o poente (334)
Sinto o tempo com uma dôr enorme (95)
Sinto-me às vezes tocado (414)
Só uma vez fui verdadeiramente amado (297)
Sobra silencio escuro lividamente (412)
Socégo emfim (432)
Somos morte (357)
Sonho Triangular (48)
Sonho triangular (57)
Sou curioso de todos (294)
Sou d'aquellas almas que as mulheres (155)
Supponho que seja o que chamam (306)
Surge dos lados do oriente (180)
Symphonia da noite inquieta (132)
Symphonia de uma noite inquieta (290)

Tam dado como sou ao tedio (343)
Tendo visto com que lucidez (135)
Tenho a nausea physica (240)
Tenho as opiniões mais
desencontradas (53)
Tenho assistido, incógnito (322)
Tenho deante de mim (192)
Tenho do amor profundo (126)
Tenho grandes estagnações (267)
Tenho mais pena dos que sonham (172)
Tenho por intuição (108)
Tenho que escolher o que detesto (141)

Tenho sido sempre um
sonhador irónico (329)
Ter opiniões definidas e certas (56)
Tive sempre uma repugnancia (369)
Toda a alma digna de si-propria (125)
Toda a noite, e pelas horas fóra (45)
Toda a vida da alma humana (239)
Todo exorço, qualquer que seja (184)
Todo o dia, em toda a sua desolação (313)
Todo o homem de hoje (167)
Todo o pensamento (Anexo 2)
Todos aquelles acasos infelizes (427)
Todos os dias a Materia (76)
Todos os movimentos da
sensibilidade (305)
Tornarmo-nos esphynges (74)
Trez dias seguidos de calor (429)
Trovoada (258)
Tu és do sexo das fórmãs sonhadas (5)
Tu não és mulher (7)
Tu não existes, eu bem sei (18)
Tudo alli é quebrado (199)
Tudo é absurdo (361)
Tudo me cansa (16)
Tudo quanto de desagradavel (409)
Tudo quanto é acção (14)
Tudo quanto não é a minha alma (362)

Tudo se me evapora (373)
Tudo se me tornou insuportável (363)

Um dia (160)
Um dia (73)
Um halito de musica (291)
Um quietismo esthetico da vida (168)
Uma carta (80)
Uma das grandes tragedias (274)
Uma das minhas preoccupações (383)
Uma só coisa me maravilha (351)
Uma vista breve de campo (254)
Umás figuras insiro em contos (Anexo 8)

Vejo as paisagens sonhadas (228)
Vi e ouvi hontem um grande homem (375)
Via lactea (64)
Viagem nunca feita (26)
Viagem nunca feita (43)
Viajar? Para viajar basta existir (371)
Visto que talvez nem tudo seja falso (32)
Viver a vida em sonho (49)
Viver do sonho e para o sonho (35)
Viver é ser outro (255)
Viver uma vida desapaixonada e culta (418)
Vivo sempre no presente (257)

NOTAS BIOGRÁFICAS



O AUTOR

Fernando Pessoa (1888-1935) é hoje o principal elo literário de Portugal com o mundo. A sua obra em verso e em prosa é a mais plural que se possa imaginar, pois tem múltiplas facetas, materializa inúmeros interesses e representa um autêntico património coletivo: do autor, das diversas figuras autorais inventadas por ele e dos leitores. Algumas dessas personagens, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, Pessoa denominou

“heterônimos”, reservando a designação de “ortônimo” para si próprio. Diretor e colaborador de várias revistas literárias, autor do *Livro do Desassossego* e, no dia-a-dia, “correspondente estrangeiro em casas comerciais”, Pessoa deixou uma obra universal em três línguas que continua sendo editada e estudada desde que escreveu, antes de morrer, em Lisboa, “I know not what to-morrow will bring” [“Não sei o que o amanhã trará”].

O EDITOR

Professor, tradutor, crítico e editor, Jerónimo Pizarro é o responsável pela maior parte das novas edições e novas séries de textos de Fernando Pessoa publicadas em Portugal desde 2006. Professor da Universidade dos Andes, titular da Cátedra de Estudos Portugueses do Instituto Camões na Colômbia

e Prêmio Eduardo Lourenço (2013), Pizarro voltou a abrir as arcas pessoais e redescobriu “A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa”, para utilizar o título de um dos livros da sua bibliografia. Coeditor da revista *Pessoa Plural*, atualmente dirige as coleções pessoais da Tinta-da-china.



**LIVRO DO
DESASSOSSEGO**

FOI COMPOSTO EM CARACTERES FILOSOFIA
E VERLAG, E IMPRESSO NA GEOGRÁFICA EDITORA,
SOBRE PAPEL PÓLEN SOFT DE 70 G/M²,
NO MÊS DE AGOSTO DE 2013.